

Subsídios para Liderança



2

APRENDENDO A FAZER, FAZENDO PARA APERFEIÇOAR

- .COMO PREPARAR UMA DEVOCIONAL - Nancy Tims
- .COMO PREPARAR UM ESTUDO BÍBLICO - Tércio Siqueira
- .ENSINO BÍBLICO PARA CRIANÇA - Plácio José Bohn
- .COMO CELEBRAR O ANO LITÚRGICO - Zélia Constantino e Filipe Mesquita
- .POR FALAR EM NATAL...- Nancy Cardoso Pereira
- .POEMAS DE NATAL - Ronan Boechat de Amorim

**APRENDENDO A FAZER,
FAZENDO PARA APERFEIÇOAR**

INDICE

- Página 01 - Como Dirigir uma Devocional
Nancy Tims
- Página 07 - Alguns exemplos de Devocionais
- Página 09 - Ensino Bíblico para Crianças
Plácio José Bohn
- Página 14 - Como preparar um Estudo Bíblico?
Como interpretar a Bíblia?
Tércio Machado Siqueira
- Página 21 - Ano Litúrgico
Zélia Santos Constantino
Filipe Pereira de Mesquita
- Página 32 - Programa de Culto de Advento e/ou Natal
Culto Encerramento XXV Concílio Regional
- Página 34 - Por Falar em Natal
Nancy Cardoso Pereira
- Página 44 - Natal é Vida
Natal: Festa do Deus Conosco
Ronan Boechat de Amorim

COMO DIRIGIR UMA DEVOCIONAL

Nancy Schisler Tims

1 - PREPARAÇÃO A LONGO PRAZO

A - Buscar inspiração divina

- a) Orar - Jesus se preparava para o desenvolvimento de sua Missão através da oração. João Wesley tinha um período de devoção diariamente às 4 horas da manhã.
- b) Ler a Bíblia e meditar sobre ela.
- c) Ler devocionários, livros inspirativos: No Cenáculo, O Caminho, de Stanley Jones, Rezar Salmos Hoje, de Teixeira e Mesters, etc...
- d) Ter um caderno de anotações - escreva orações, idéias, pensamentos que lhe vêm nesses momentos. Poderão servir de ponto de partida para uma meditação feita numa devocional.

B - Estudar

- a) Ser curioso. Pesquisar. Não deixar que "inspiração do Espírito Santo" seja desculpa para preguiça.
- b) Fazer um dicionário de palavras bíblicas que você não conhece.
- c) Lançar mão de livros que possam ajudá-lo (a) a compreender

a Bíblia: diferentes versões, Chave Bíblica, Di
cionário Bíblico, mapas e atlas da Bíblia, Comen
tários Bíblicos, além de revistas de Escola Do-
minical e do livro Exercícios Bíblicos, de Eula
Long.

2 - COLETANDO SUBSÍDIOS

- A - Poesias, meditações, ilustrações, histórias, jo-
gais poderão ser recortados de revistas, jornais
copiados ou fotocopiados, de livros.
- B - Figuras de revistas ou folhinhas, quadros, dese-
nhos e objetos que sirvam como material ilustra
tivo poderão ser guardados.
- C - Cartazes de propaganda (supermercados, farmácias)
cartazes da Sociedade Bíblica e outros poderão
ser aproveitados para fazer novos cartazes.

3 - ORGANIZAÇÃO DOS SUBSÍDIOS COLETADOS

- A - Cadernos - organizar o material coletado em ca-
dernos. O melhor tipo é o de folhas soltas. Clas
sifique o material por assuntos como, por exem-
plo: ORAÇÃO, PÁSCOA, FAMÍLIA (pais, mães, filhos)
AÇÃO DE GRAÇAS, NATAL, BÍBLIA (Jesus, Profetas,
Salmos, Fé, Amor, Parábolas, etc), MÚSICA (le-
tras e partituras).
- B - Pastas - Uma caixa forte de papelão serve como
fichário para guardar pastas ou então envelopes
grandes com material coletado. Organizando as-
suntos por ordem alfabética.

4 - PROGRAMANDO A DEVOCIONAL

- A - Preparar o programa de acordo com:
- o período de tempo disponível,
 - as pessoas que participarão (idade, nível cultural, interesses)
 - o local a ser usado (templo, salão, ar livre).
- B - Escolher um tema ou assunto ao redor do qual planejar a devocional. Os hinos, textos bíblicos, jogral, meditação, etc., deverão ser todos relacionados.
- C - Ensaiar jograis ou qualquer outra leitura a ser feita. Sempre ler em (1) Voz audível, (2) pausa da - exagerar a pausa de vírgulas e pontos, (3) clara - abaixar o tom da voz no fim de um período.
- D - Avisar de antemão as outras pessoas que vão participar, para que possam se preparar.
- E - Preparar o local da devocional com antecedência. Se possível, ter um Centro de Interesses: flores, um vaso de planta, um cartaz, algum objeto, ou simplesmente um local limpo e em boa ordem, com uma Bíblia aberta sobre a mesa.
- F - Ter música e letra de corinhos novos ou músicas que você quer ensinar.
- G - Fazer a programação de tal modo que o grupo se envolva e participe na devocional, intercalando mensagens e leituras bíblicas ou números musicais.

H - Preparar a meditação ou mensagem:

a) De preferência falar e não ler a meditação.

Algumas dicas para quem quer aprender a falar em público: a) Escreva o que você pretende dizer; b) Leia compassadamente, em voz alta, em tom natural, diversas vezes; c) Faça um esboço da meditação em fichas, anotando os pensamentos chaves; d) Torne a ensaiar sua fala seguindo o esboço; e) apresente a meditação pelo esboço.

- b) Procurar iniciar uma meditação com uma frase, ilustração ou experiência que capte a atenção do grupo.
- c) Dizer claramente, em linguagem simples, o que você deseja transmitir. Ter uma sequência lógica de pensamento.
- d) Concluir sua meditação enquanto o grupo estiver atento e interessado (é sempre melhor uma meditação curta demais, do que longa demais).

5 - APRESENTAÇÃO DA DEVOCIONAL

- A - Chegar na hora, tendo tudo preparado com antecedência.
- B - Anunciar cada parte do programa claramente, assegurando-se de que todos possam ouvi-lo (a).
- C - Sempre que convidar os participantes para cantar um hino, repita o número mais de uma vez, indicando se devem ficar em pé ou sentados.
(Prepare uma listinha dos hinos para a organista ou o instrumentalista que acompanhará os cânticos).

D - Lembrar que uma devocional não é um show em que cada um vai apresentar o seu número, mas um ato de louvor a Deus em que cada parte forma um todo.

E - Transmitir aos participantes confiança em Deus, amor, reverência. Evitar contar contra-tempos que surgiram. Não iniciar a devocional com um pedido de desculpas.

6 - TIPOS DIVERSOS DE DEVOCIONAL

A - Tradicional

- a) Chamado à adoração;
- b) Oração;
- c) Hino ou corinho;
- d) Leitura bíblica;
- e) Meditação;
- f) Hino;
- g) Oração final.

B - Devocional-pesquisa

- Trazer diversas Bíblias de versões diferentes e uma Chave Bíblica, pelo menos.
- Lançar um tema. Por exemplo: A Fé - que diz a Bíblia nas Cartas de Paulo? Nos Evangelhos? Nas profecias do AT?
- Dividir em grupo e dar um prazo para cada qual apresen-

tar suas conclusões.

C - Devocional Contemplativa ou de Reflexão

- O local deve ser reverente, livre de distrações. Ter um fundo musical e um Roteiro mimeografado com cópias para todos. Esse roteiro orientará a devocional. Será lido silenciosamente pelo grupo que seguirá a orientação dada.
- À frente do grupo deverá haver unicamente um centro de atenção alusivo ao tema da devocional. Ex. quadro vivo de alguém orando. Alguma oração ou leitura audível viria do fundo da sala.
- O roteiro poderá ter textos para os participantes procurarem em suas Bíblias, como também perguntas para refletirem ou responderem.

D - Devocional-estudo social

- Levar um artigo de jornal ou revista que aborde um tema social dos nossos dias, da nossa realidade. Se possível xerocar algumas cópias. Lê-lo ao grupo Ex. Carta contra as favelas, Acidente nuclear em Chernobyl, Menor abandonado, etc.
- Dividir em grupos, cada qual discutindo o assunto, pesquisar na Bíblia a posição cristã.

E - Devocional-musical

- Trabalhar com músicas.

F - Devocional- drama

- Trabalhar sociodramas, teatrinho, representações, etc.

G - Devocional Audiovisual etc.

ALGUNS EXEMPLOS DE DEVOCIONAIS

1. Devocionais baseadas em textos bíblicos que relatam fatos ocorridos no ministério de Jesus. Para essas devocionais existe um bom material, que são as gravuras das Edições Paulinas.
2. Devocionais com destaque para um versículo bíblico com grande conteúdo de ensinamento. É importante, mesmo ao se destacar somente um versículo, compreender-se o contexto onde ele está.
3. Com uso de figuras de flanelógrafo, colocadas em papel de computador, pode-se narrar e estudar ensinamentos de Jesus, voltando-se à cena que se quer enfatizar.
4. Estudo das parábolas de Jesus, usando-se para auxílio na elaboração, preparação e discussão dos temas, o livro PARÁBOLAS DE JESUS, de J. Jeremias, Ed. Paulinas.
5. Dramatização das Parábolas. Não se esquecendo de sempre responder com o grupo às perguntas: "Que queria Jesus ensinar com esta parábola? Por que a contou? O que ela nos ensina hoje?"
6. Usar recursos visuais como:
 - a) Uma cruz de madeira revestida de isopor para uma devocional baseada no versículo "Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei".
As pessoas escreverão seus nomes ou problemas em pequenos papéis e os pregarão na cruz. O coordenador(a) do encontro, ou pessoa a ser designada, orará pelas pessoas e problemas. Esta devocional poderá ser também de dedicação. De

pois pode haver entre as pessoas presentes uma partilha do que foi escrito por cada uma e em seguida, ou um momento de oração, ou uma conversa de avaliação da participação de cada uma na Missão e na igreja, ou ainda as duas coisas.

- b) Levar para o local do encontro devocional um pão macio. Estudar sobre a multiplicação dos pães e o milagre do "repartir" com o irmão e irmã. Frisar que é aí que está o milagre.

Repartir o pão, permitindo que cada pessoa tire seu pedaço e passe o pão à pessoa seguinte.

- c) Desenhar e recortar mãos em papel pardo. Usar como tema da devocional: "O que tens nas mãos?". Estudar como vários personagens bíblicos usaram coisas simples que possuíam em suas mãos no serviço de Deus. Moisés, Elizeu, Davi, Dorcas, José, etc. Permitir que as pessoas escrevam nas mãos recordadas (por elas no momento da devocional ou feitas com antecedência) o que elas têm e que poderia ser usada por Deus para seu serviço e para auxiliar o próximo.

- d) Fantoches. Pode-se, por exemplo, criar histórias e apresentá-las com os fantoches, ou mesmo apresentar parábolas e ou tras histórias bíblicas. Fez-se certa vez, para crianças, a contextualização/atualização da parábola do Bom Samaritano. Tudo se passava na floresta. No lugar do judeu caído, havia o coelhinho. Sacerdote e levita ficaram sendo aqueles animais que as fábulas sempre dizem que são os "bonzinhos". E como parábola bíblica, o socorro vem de onde menos se espera: da bruxa.

7. Devocionais a partir de temas. Por exemplo: "Que queres que eu (nós) faça (façamos), Senhor?". Levar o grupo a detectar necessidades da igreja local, ou mesmo da comunidade onde a igreja se encontra, como por exemplo um orfanato, asilo, hospital. Existe sempre alguma coisa a ser feita. Existe sempre alguma coisa que podemos fazer.

8. Usar recortes de notícias. Associá-las aos ensinamentos de Jesus.

ENSINO BÍBLICO PARA CRIANÇAS

Adaptação do texto de
Plácio José Bohn

1 - USO DA BÍBLIA

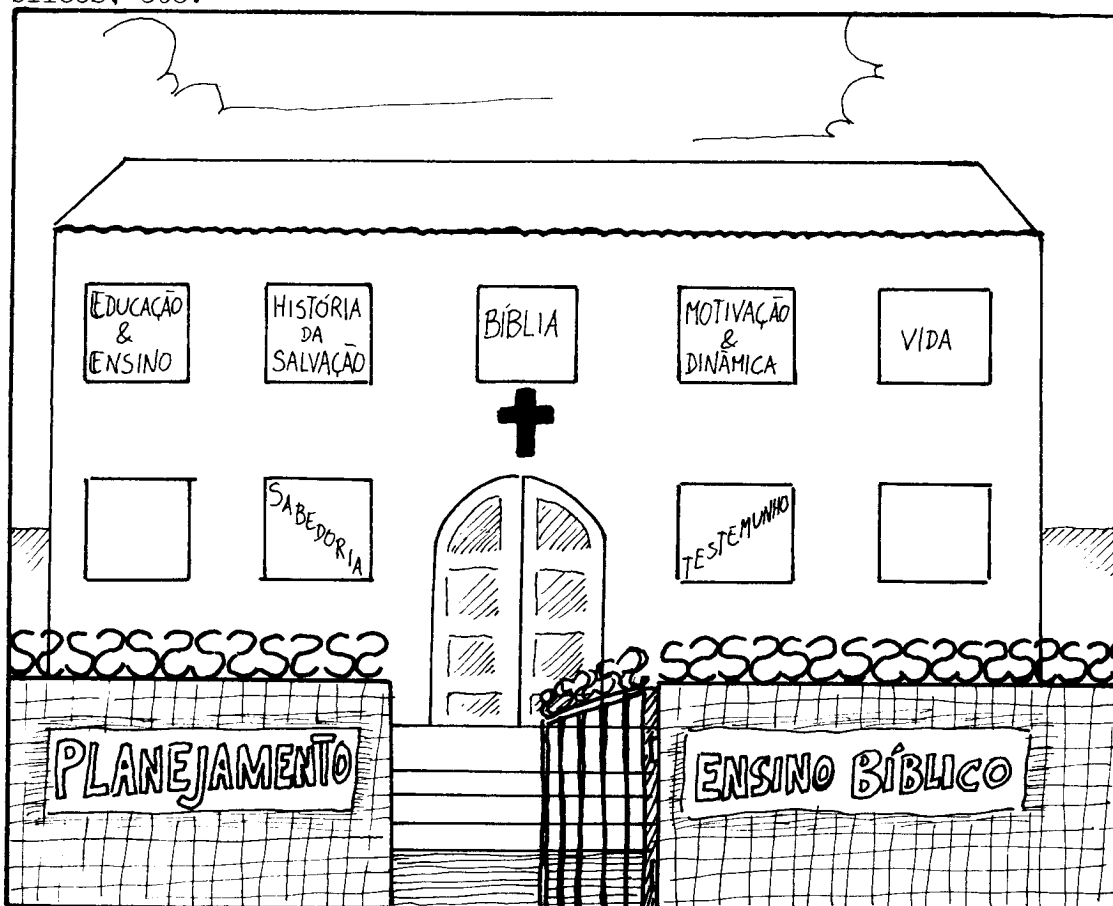
A Bíblia atende à dimensão comunitária, pois junta o pessoal, cria comunidade. Atende à dimensão ecumênica, visto que ensina a linguagem religiosa de várias religiões: frases, expressões, ... - Quem não conhece a Bíblia, não pode entender muitas coisas da cultura brasileira: literatura, arte, música, história, política, ... - Serve como inspiração para a oração, como para nos fazer "ler" o mundo de maneira crítica e misericordiosa (com os olhos da fé) - uma vez que a Bíblia é ensino da vida, escrita com a linguagem do povo.

Por outro lado, ao devolvê-la ao povo, ela valoriza a caminhada deste povo, orienta a dimensão profunda da História, apresenta modelos aos jovens, suscita valores de vida. A reflexão leva à descoberta dos fatos, ajuda a realizar paralelos entre a presença de Deus na Bíblia e na vida de hoje.

2 - SERVIÇO DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E BÍBLIA

A peça-chave do trabalho bíblico é o planejamento do ensino bíblico. Que este possibilite uma visão de conjunto da Bíblia e da História da Salvação, ajude os professores e as crianças a sentirem a importância da Bíblia, a encontrar os textos e a fazer uso adequado, e que tenha os conhecimentos básicos de Didática.

No mais, oriente os professores para leituras de livros selecionados sobre Bíblia, a fim de se ter uma boa orientação do material bíblico: livros, dicionários, chaves-bíblicas, mapas bíblicos, eslaides, revistas voltadas para temas bíblicos, etc.



3 - CRITÉRIOS PEDAGÓGICOS NA ESCOLHA DE TEXTOS BÍBLICOS

a) Gradação dos textos

Qualquer educação segue um processo. Tratando-se de Bíblia, também é preciso que haja uma gradação. Não convém proceder como aquele ajudante de lavoura de milho, que, por querer que este crescesse mais depressa, o arrancava. É, pois, necessário que exista um aquilatar quanto:

- À Linguagem: preparar a criança para saborear a linguagem poética, o senso do gratuito e do sagrado.

- À Experiência de Vida: uso da linguagem conforme a experiência agrícola, urbana, litoral,...

- À Maturidade na Fé: cuidar da escolha das personagens, não "anjos". Maniqueísmos são perigosos. Todos pecaram... Perfeito só Deus. Não convém utilizar a pedagogia do herói, mas a de um grupo atuante. Moisés e Abraão não são heróis, pois este mente que sua esposa é sua irmã, e aquele não entra na Terra Prometida.

- Às Prioridades do Aqui-Hoje: não utilizar sempre o mesmo texto; numa hora de incêndio não se pensa com qual cor pintar a casa, mas apagar o fogo.

b) Textos excelentes:

Para criar o gosto pela Bíblia, é mister manuseá-la devagarinho. Não textos longos, mas breves; e explorá-los bem. Ler, valorizar os simbolismos, gestos;... encenar, explorar as imagens e a linguagem comparativa. Ler para crescer. Ler e orar. Orar para entender. Orar, ler, entender, crescer, deixando nascer o verdadeiro louvor a Deus.

No entanto, o pré-adolescente é mais ativo, eis porque se devem apresentar-lhe personagens ativos: Abraão, Moisés, Profetas, Paulo... - À guisa de exemplos, cito:

A - Textos que educam o sentido do mistério: usar de honestidade e deixar o ponto de interrogação (o não termos respostas para tudo).

B - Pequenas sentenças de Salmos, com o gesto correspondente: "Louvai ao Senhor", "Batei palmas",...

C - Alguns Provérbios, como "vai ver a formiga" (Pv. 6:6): antes, ir ver as formigas, desenhá-las, e depois, ler.

D - Sentenças dos Evangelhos referentes a encontros de Jesus com pessoas: amigos, discípulos, parentes, Zaqueu, outros.

E - Cartas de São Paulo, e Católicas, "Alegrai-vos sempre no Senhor" (Fl 4); "Amai-vos uns aos outros" (1 Jo).

c) Textos não recomendados:

Não se podem transformar os milagres e as parábolas em lindas histórias somente, mas sim deve-se transmitir a mensagem deles. Pode-se pecar por excesso de narrativa de parábolas e de milagres, ou por falta (textos não condizentes com a realidade infantil). Portanto, não se recomendam, em demasia, para as crianças:

A - Fatos que impressionam fortemente: mortes, mentiras, matança de inocentes, paixão de Cristo, violências, crueldades, Esaú e Jacó, Caim e Abel...

B - Narrativas freqüentes de milagres: tornam Deus um milagreiro.

C - Linguagens simbólicas: primeiros capítulos de Gênesis.

d) Defeitos a serem evitados:

Os textos da Bíblia não servem para analgésicos. Evitem-se, pois:

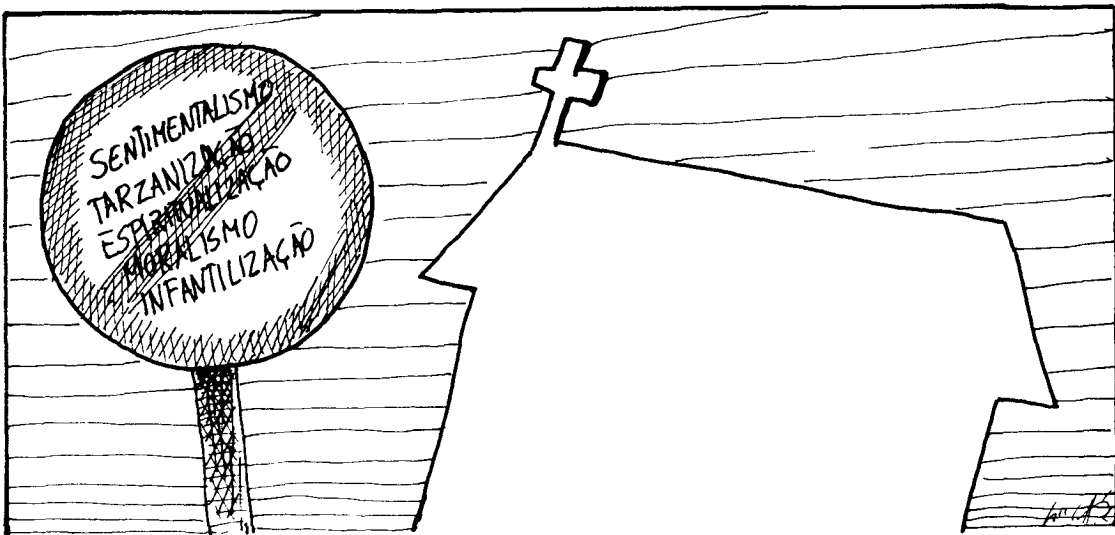
A - O Sentimentalismo: exagerar, função terapêutica de impressionar os educandos.

B - A "Tarzanização": não basta "tarzanizar" Jesus, Moisés, Abraão, Sansão, ... para tirar da cabeça que a vitória é dos maiores, pois a vitória é dos vencedores que estavam oprimidos; por isso é diferente a Bíblia da História: esta é a história dos vitoriosos, a Bíblia é a história dos pobres, escrita pelos pobres e alguns ricos: Isaías, ... - mas com espírito pobre.

C - A "Espiritualização": tomar tudo no sentido espiritual; "colocavam tudo em comum", na idéia, é fácil. "As crianças pediam pão e não havia ninguém que lhes desse"; se o negócio é material mesmo, e não apenas "pobre de espírito".

D - A Moralização: respostas para todos os erros, ou tudo é pecado.

E - A Infantilização: seduzir com as parábolas.



COMO PREPARAR UM ESTUDO BÍBLICO?
COMO INTERPRETAR A BÍBLIA?

TÉRCIO MACHADO SIQUEIRA

Observações Preliminares

"Fazer um estudo bíblico". Esta é uma tarefa desejada por todos os cristãos, pois, afinal, a Bíblia não é um museu onde se guarda a sete chaves a história do povo de Deus. Na verdade, ela foi escrita, justamente, para facilitar ao povo de Deus sua leitura e os estudos em torno dela.

Há algumas advertências sobre a tarefa de interpretar a Bíblia:

a) A tarefa de análise e interpretação bíblica (também chamada "exegese") não deve ser individualista (egoísta e isolada). Sabemos que, sem comunhão, não há fé, e nem conhecimento da verdade. O princípio do conhecimento privado é a expressão negativa que leva ao academicismo teológico, ao liberalismo e ao narcisismo espiritualista.

b) Não há possibilidade de estudar a Bíblia fora da comunidade da fé. Em outras palavras, a Bíblia deve ser lida e interpretada onde a fé é cultivada. Por quê? Ela foi escrita para testemunhar o que Deus tinha feito pelo povo e pelo mundo criado. Primeiramente, essas narrativas, leis, hinos e pregações proféticas, ditos dos sábios, etc., foram recolhidos e editados para serem lidos no culto. Portanto, a comunidade da

fé foi o seu "habitat" natural. Daí, é nesse ambiente que as narrativas bíblicas se tornam mais claras.

c) O objeto da interpretação bíblica não é, primeiramente, obter conhecimento do texto, mas interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. O texto bíblico promove a vida, continuamente. É bom observar que a preocupação com a libertação do oprimido não vem da análise marxista (como muitos afirmam!), mas está na raiz da preocupação bíblica.

d) Os estudiosos do AT necessitam tomar consciência de que existe uma grande distância entre o mundo bíblico e o nosso mundo: a geografia e a história do AT, sua língua e cultura, etc. (Ler o livro: Martin Achard, Como ler o Antigo Testamento, ASTE, 1962).

e) Então como ler a Bíblia hoje? Não há dúvida de que a tarefa é difícil, mas não impossível. Podemos lê-la de modo técnico e intelectual com resultados positivos. Os cristãos, em parte, condenam esse modo de ler a Bíblia, mas não podemos negar que essas pesquisas têm beneficiado a nossa compreensão do texto. Por outro lado, a grande maioria dos cristãos lêem a Bíblia para buscar a verdade que pode transformar suas vidas em árvores fecundas. Seriam essas duas maneiras de ler a Bíblia independentes uma da outra? Absolutamente não! Elas se completam. A análise do texto bíblico deve ser confrontada com a realidade em que vivemos hoje. Uma leitura técnica vai nos mostrar que, como em nossos dias, a vida era dura demais para a maioria dos homens. A tensão e o conflito estão presentes no relato bíblico, desde a criação (o narrador de Gênesis 3: 16ss lamenta a fadiga e a dor do parto - consequência da arrogância humana). Uma leitura que esconde os conflitos da narrativa bíblica é considerada fútil e superficial. Da mesma forma, a afirmação de que em nossas igrejas locais não existem problemas de relacionamento, família, emprego, etc., é falsear a realidade; é tentar tapar o sol com peneira.

Passos para um Estudo Bíblico (exegese bíblica)

a) Tome diferentes traduções da Bíblia (exemplos: Soc. Bíblica do Brasil; Bíblia de Jerusalém; a nova tradução feita pela Vozes; Vida Nova; etc.). Se você souber inglês, recomenda-se a edição "Revised Standard Version"; se você tem acesso ao francês, leia "Traduction Oicuménique de la Bible". Entretanto, o mais importante para o pastor é ter acesso ao hebraico e ao grego, embora isso possa parecer muito sofisticado (lembre-se de que Wesley recomendava a todos os seus pregadores o estudo das línguas bíblicas).

b) Leia o texto tantas vezes quanto for necessário para entendê-lo.

c) Faça um raio X do texto, analisando-o estruturalmente. (Veja exemplo mais adiante).

d) Perceba qual é o gênero literário do texto, pois isso vai lhe dar algumas "dicas" importantes para o seu estudo bíblico. Por exemplo: Os Dez Mandamentos (Êxodo 20:2-17; Deuteronômio 5:1-21) é uma literatura própria do ambiente legal; os Salmos possuem características literárias de um hino, e o ambiente natural do hino é o culto, seja numa família, seja no templo de Jerusalém.

e) Tome o texto completo. Por exemplo, geralmente cada parágrafo possui uma unidade literária completa. O Salmo 23 é uma unidade literária. Não podemos fazer exegese perfeita do tema "pastor" sem analisá-lo à luz de todos os seis versículos desse Salmo. Isolar versículos, tirando-o de seu contexto literário, social e histórico é muito perigoso.

f) Por fim, pergunte: qual é a intenção do texto? O que o texto quer dizer ou comunicar? Esta pergunta é muito importante, pois indagando o que o texto tenciona dizer, evita-se que o intérprete interfira na resposta. Há muita violência so

bre o texto bíblico feita por fundamentalistas, conservadores e liberais.

g) Exemplos: A escolha do texto bíblico deve estar relacionada à realidade que o povo vive hoje. Por exemplo, o povo do nordeste brasileiro vem sofrendo sérios problemas decorrentes da falta de água. Um estudo bíblico, entre eles, para ser objetivo e proveitoso para sua fé e ação, deve ser sobre aqueles textos relacionados aos seus problemas. A verdade é que não podemos esconder os conflitos humanos que a Bíblia mostra, bem como aqueles que o povo vive hoje. Veja um exemplo - até certo ponto sofisticado - mas bem interessante de se ver:

O Código da Aliança

I - Quando inicia? - Êxodos 19:3

II - Quando termina? - Números 10:11

1 - É uma unidade literária com quase 59 capítulos;

2 - É a história mais longa do AT;

3 - É uma narrativa singular.

III - Qual é a estrutura dessa unidade?(observe que não há uma forma de comunicação oral ou escrita que não tenha uma estrutura). Êxodo 19:3 diz que Moisés subiu à montanha. O texto não diz: "e o Senhor disse a Moisés: Façamos uma aliança". Mas o texto diz: "Moisés subiu à montanha". Seria isso apenas um elemento redacional? Vamos elucidar as questões indo ao texto. Qual seria o primeiro sinal que o texto nos fornece? No Versículo 3 temos a declaração sobre a subida de Moisés à montanha.

Assim:

I - Revelação do Sinai (Êx. 19-40)

Êxodo 19 - Moisés sobe - v. 3

- Moisés desce - v. 7

- Moisés sobe - v. 8 (inferência)

- Moisés desce - v. 14
- Moisés sobe - v. 20b
- Moisés desce - v. 25

Êxodo 20 - Moisés sobe - v. 21

- Êxodo 24 - Moisés desce - v. 3
- Moisés sobe - v. 9 (incluindo o grupo)

Êxodo 34 - Moisés desce - v. 29

Veja agora todo o relato de Êxodo 19:3-40,38
sob o ponto de vista dos temas:

I - Início da Aliança cap. 19:3-8a

- a) Subida
- b) Descida

II - Teofania 8b-20

- a) Subida
- b) Descida

III - Início da mediação de Moisés
v. 20c - cap. 20:21a

- a) Subida
- b) Descida

IV - A Aliança 21b - cap. 24:8

- a) Subida
- b) Descida

V - No Tabernáculo cap. 24:9 - 40:38

- a) Subida
- b) Descida

Algumas observações sobre o texto lido

Uma pergunta muito importante deve ser feita agora: "Onde está Deus no texto lido?" A resposta é clara: Ele está na montanha (lembre-se que há uma teologia da montanha na Bíblia. Leia no Vocabulário Bíblico, o verbete "lugar geográfico"). As divisões estruturais mostradas acima são marcadas pela lógica da teologia no AT: a introdução do ritual da Aliança (19:3-8a); a manifestação de Deus na montanha sem a qual a aliança não teria se efetivado; a mediação de Moisés, que é um dado fundamental na concepção intermediária entre os homens e Deus; as estipulações da Aliança; a construção do Tabernáculo, sinal da presença de Deus e do encontro Seu com os homens.

II - Revelação na Tenda (Lv. 1:17)

Em Levíticos 1:1 vemos que Deus desceu da montanha para agora receber Moisés e o povo no Tabernáculo. O que é decisivo aqui? Deus desce da montanha (o reverso do sobre-desce de Moisés). Agora, quem sobe e desce é Deus. Moisés, antes, teve que subir e descer até que fosse construído o tabernáculo - a tenda do encontro. Assim, Levíticos 1:1 parece iniciar algo novo: pressupõe que Deus deveria descer à tenda (veja o final do capítulo 40 de Êxodo). Assim temos duas partes nessa unidade: 1 - Êxodo 19-40 - Deus comunica ao povo da montanha, através de Moisés; 2 - O livro de Levíticos - Deus comunica ao povo na tenda.

III - Preparação para a caminhada (Números 1:10,10)

As leis e os preparativos incluídos nos dez primeiros capítulos do livro de Números devem ser vistos pelo leitor como intencional, e nunca acidental.

CONCLUSÃO

Qual é a relação entre essas três partes?

- I - Revelação no Sinai (EX. 19:40)
- II - Revelação na Tenda (Lv. 1:27)
- III - Preparação para a caminhada (Nm. 1:10)

Há uma parte mais importante que a outra?

Qual é a intenção de toda essa narrativa?

Parece que a ênfase dos escritos está dirigida para o lugar onde Deus escolheu para comunicar-se com as pessoas. Se assim for, o livro de Levíticos exerce uma posição central no Pentateuco.

E a intenção do texto?

A narrativa do sobe-desce de Moisés é algo enfadonho. Entretanto, devemos olhar para além da narrativa do sobe-desce. O povo não está sendo preparado para viver na montanha. Da mesma forma, não podemos dizer, com base no texto, que Deus permanecia na montanha, pois a narrativa não termina em Êxodo 40. Entretanto, a ênfase de Êxodo 19 a números 10 é mostrar que Deus estará com seu povo, indiferentemente, se esse mudar ou não de residência. Jesus conhecia muito bem toda a instrução incluída nesse texto (Mateus 17: 1-8; cf. Marcos 9:2-8; Lucas 9:28-36). Isto é teologia - teologia prática e concreta. Perdão e vida social, como encontramos em Levíticos são vistos como componentes decisivos da vida e identidade de Israel:

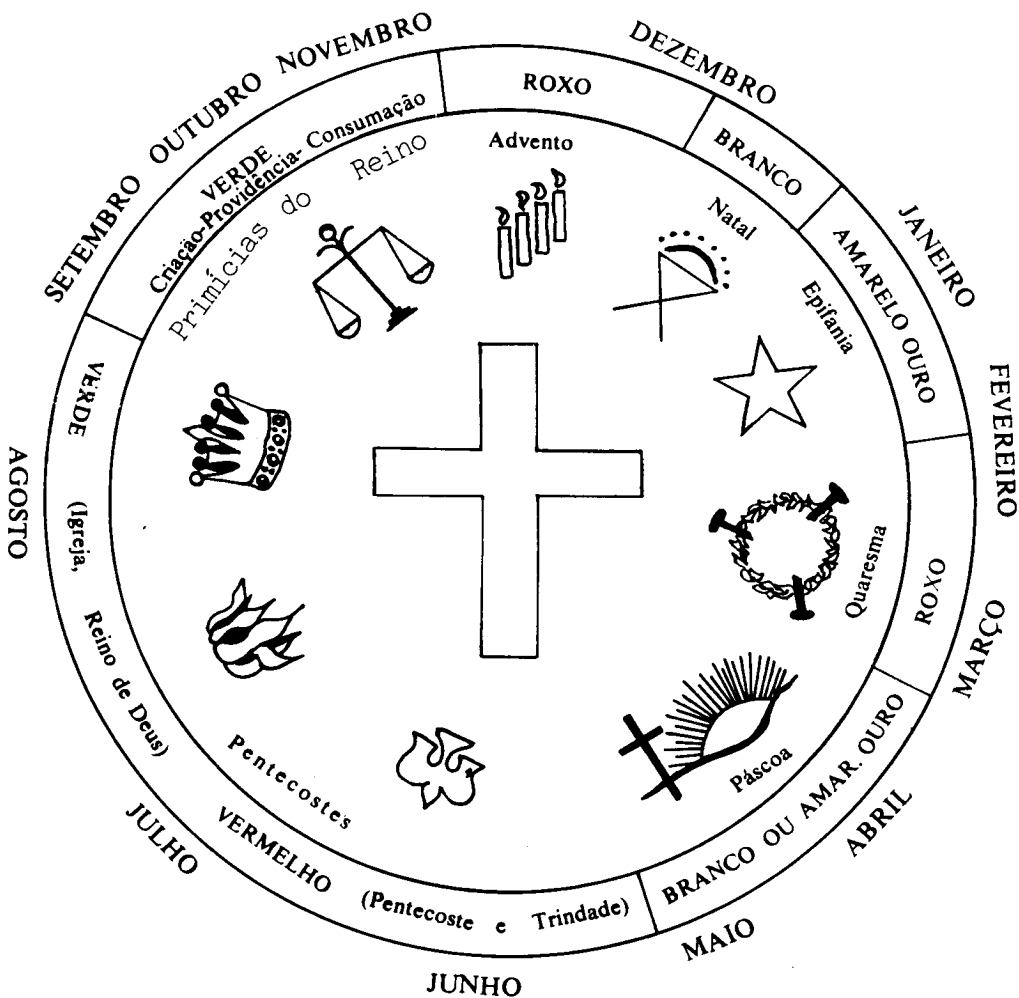
- Lv. 1:16 - culto
- 17-27 - justiça social.

Assim, justiça social cresce na experiência do perdão recebido no culto.

ANO LITÚRGICO

Zélia Santos Constantino

Filipe Pereira de Mesquita



(ilustração extraída do
livro NÓS E O CULTO)

CALENDÁRIO CRISTÃO: O ANO LITÚRGICO

INTRODUÇÃO:

1. Há muitas pessoas que não olham com simpatia o termo liturgia, pois lhes cheira a formalismo, romanismo, clericalismo, ritualismo, etc.
2. A palavra liturgia significa serviço, trabalho ou dever público.
 - a) Na Igreja, aplica-se à Eucaristia (Ceia do Senhor) e ao culto.
 - b) É uma palavra da rica tradição bíblica -tanto hebraica quanto grega- de onde herdamos muitas outras palavras pelas quais, normalmente, não temos preconceitos:
 - .amém, aleluia (hebraicas)
 - .igreja, batismo, presbítero, Bíblia, Cristo, Evangelho (gregas).

I - O ANO LITÚRGICO E SUA ORIGEM

1. Quando se fala de ano litúrgico, também pode haver uma certa reserva por parte de algumas pessoas.
2. No entanto, o ano litúrgico tem sua origem a partir da Bíblia:
 - a) Primeiramente, tem suas raízes a partir do "ano litúrgico" judaico com suas datas e festas comemoradas periodicamente: Páscoa, Pentecostes, etc., além do sábado.
 - b) A Igreja cristã nasceu dentro do Judaísmo, o qual tinha duas expressões principais de culto: no templo e na sinagoga.
 - .No templo - Centralizada no altar (sacrifício);
 - .Na sinagoga - Centralizado no ensino da Escritura.

- c) Os primeiros cristãos continuaram a guardar as festas judaicas, agora à luz da fé cristã (Cf. At 20:16; I Co 16:8; At 20:7).
 - d) O ponto de partida do ano litúrgico cristão foi a Páscoa.
 - e) Os discípulos de Jesus não puderam mais expressar a plenitude de seu culto dentro das formas antigas. Todavia, estas lhes serviram de modelo:
 - .no lugar do sacrifício no templo, celebram a Ceia do Senhor;
 - .a pregação não mais previa a vinda do Messias, mas o anunciava em Jesus, o qual morreu e ressuscitou, segundo as Escrituras (Cf. At 2:14-36; At 3:13-26; I Co 15:3-8).
3. O processo para se chegar ao atual ano litúrgico foi gradual e se estendeu por vários séculos.
4. Os cristãos do século II já possuíam um embrião de um ano litúrgico, numa comemoração semanal:
 - .na 4ª-feira, praticava-se o jejum (lembrança da traição);
 - .na 6ª-feira, praticava-se o jejum (lembrança da morte de Jesus);
 - .no domingo, celebrava-se a ressurreição do Senhor.

Pelo fim do século II, estabelecendo um paralelo com a festa anual da Páscoa, começaram a fixar-se datas anuais correspondentes às quartas e sextas-feiras.

5. Na Idade Média, a Igreja já havia estabelecido completamente as fases (estações) do ano litúrgico.

II - A RENOVAÇÃO LITÚRGICA NA REFORMA

1. No fim da Idade Média, o calendário litúrgico havia se tornado tão pesado e tão cheio de elementos estranhos à fé cristã que ameaçava deslocar o centro da fé.
2. A Reforma Protestante não eliminou o calendário litúrgico, mas procurou simplificá-lo, preservando todas as comemorações relacionadas diretamente com a história da salvação. Exemplo de simplificação e volta ao sentido original foi a eliminação no calendário litúrgico das comemorações relacionadas com a Virgem Maria.
3. "O ano litúrgico outra coisa não deve ser senão uma ampliação da revelação que em Cristo se tornou um evento, isto é, um ano centralizado em Cristo" A.D. Müller, apud von Allmen, p.280).

III - O SENTIDO DO ANO LITÚRGICO

1. O calendário litúrgico é um plano de adoração que se baseia nos grandes temas da história da salvação, especialmente na vida de Cristo.
2. De acordo com esse plano de adoração, os textos mais expressivos da Bíblia se sucedem a cada domingo, formando o lecionário. Assim, o lecionário é a coleção de textos bíblicos a serem usados a cada domingo na celebração do ano litúrgico.

O lecionário inclui: textos do Antigo Testamento
 textos das Epístolas
 textos do Evangelho

3. A comemoração do ano litúrgico é importante porque permite reviver os principais eventos da história da salvação e evitar a repetição desnecessárias de textos bíblicos que focalizam a penas alguns aspectos da história da salvação.

NOTA DA EDIÇÃO ON LINE

O Colégio Episcopal da Igreja Metodista adotou oficialmente a partir de 2006 o calendário Cristão que se segue.

Tomamos a liberdade de substituir o modelo anterior de calendário cristão que havia sido publicado no início dos anos 90 nesse caderno “Subsídio para Liderança 2”.

Até 2006 a Igreja Metodista não tinha um calendário litúrgico oficial e eram usados pela igreja pelo menos 4 diferentes modelos.

O CALENDÁRIO LITÚRGICO

(ADOTADO OFICIALMENTE PELA IGREJA
METODISTA DO BRASIL)



O Calendário Litúrgico, ou Ano Litúrgico, não é uma idéia, mas uma pessoa: Jesus Cristo e o Seu mistério realizado no tempo, que hoje a Igreja celebra sacramentalmente como memória, presença e profecia (cf. Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 58). O Ano Litúrgico se baseia, portanto, na história da salvação, cujo centro irradiador é o mistério pascal e a união em Cristo. Esse evento histórico é celebrado como memorial litúrgico, que atualiza a mensagem da salvação e desafia a comunidade de fé na direção da consumação do Reino de Deus.

OS 4 GRANDES CICLOS

DO CALENDÁRIO CRISTÃO

Ao longo dos séculos, convencionou-se uma estrutura para o Ano Cristão que se organiza em quatro grandes ciclos:

- Natal,
- Primeiro Tempo Comum,
- Páscoa
- e um Segundo Tempo Comum.

Esses ciclos subdividem-se, por sua vez, em tempos específicos conforme explicados a seguir:

1 - CICLO DO NATAL

O Ciclo do Natal corresponde a quatro tempos litúrgicos do calendário cristão, a saber: Advento, Natal, Epifania e Batismo do Senhor. Este ciclo tem início quatro domingos antes do Natal e se estende até o Batismo do Senhor.

a) Advento

O Advento é o tempo que marca o início do calendário litúrgico cristão. Sua origem é documentada a partir do século IV a.C. Semelhante à preparação da Páscoa, *expição* de Cristo, o Advento surge como preparação para o *nascimento* de Jesus, o Natal. Advento, do latim *adventus*, significa "vinda", "espera". Trata-se de uma celebração cujo foco é a expectativa da vinda do Messias, o Cristo prometido. Nesse período, celebra-se a espera do Messias, e pode ser dividido em duas partes: os dois primeiros domingos enfatizam o Advento Escatológico; o terceiro e o quarto

domingos, a Preparação do Natal de Cristo. Dessa forma, o Advento tem a dimensão da expectativa da segunda vinda de Cristo, bem como a expectativa da chegada do Messias que concretiza o Reino, o "já" e o "ainda não", que significa viver à espera do cumprimento das promessas e renovar a esperança no reino que virá.

A espiritualidade do Advento é marcada pela esperança e pelo aguardo do Messias prometido; a fé na concretização da promessa; o amor que se demonstra com a chegada do Messias e a paz por Ele anunciada e plenificada.

b) Natal

O segundo tempo litúrgico desse ciclo é o Natal. Esta celebração teve sua origem em meados do século IV d.C., entretanto, sua aceitação como festa cristã ocorreu no século VI d.C. O Natal surgiu com a finalidade de afastar os fiéis da festa pagã do *natale solis invictus* ("deus sol invencível") e passou a significar a chegada do Messias, o "sol da justiça" (cf. Ml 4.2), já anunciado e aguardado no Advento. Natal, na acepção da palavra, significa "nascimento", entretanto, para as/os cristãs/aos, a partir do século IV d.C., esse significado é ainda mais profundo, pois, com o nascimento de Cristo, celebra-se "o Verbo que se fez carne e habitou entre nós", o Deus infinitamente rico se faz servo e habita entre os despossuídos da terra. É esse Verbo que atrai para Si toda a criação, a fim de reintegrá-la ao projeto salvífico de Deus.

A espiritualidade desse período enfatiza a humanidade de Cristo e a salvação que nEle é absoluta.

c) Epifania

O terceiro tempo desse ciclo é a Epifania. que surgiu no Oriente como festa da manifestação do Cristo encarnado. Somente a partir do século IN' d.C. passou para o Ocidente, a fim de rememorar a visita dos reis magos ao Messias que havia

chegado.

Epifania, do grego (*Thifimeia*, significa "manifestação-, "aparição". Antes de tornar-se um termo utilizado pelos/as cristãos/ãs, significava a chegada de um rei ou imperador. A partir de Cristo, tem a conotação de manifestação do divino ao mundo, que no Antigo Testamento era expressa pelo termo "teofania". Esse tempo celebra a manifestação de Cristo aos seres humanos. no momento em que os reis do Oriente seguiram a estrela em busca daquele que viria a ser o Salvador por excelência. A Epifania é para o Natal o que o Pentecostes é para a Páscoa, isto é, desenvolvimento e permanência do ato de Cristo em favor da humanidade.

A espiritualidade desse período é caracterizada pela manifestação e aparição de Cristo ao mundo. É o Cristo prometido que se torna uma realidade na vida de mulheres e homens que procuram a paz, a justiça e o amor.

d) Batismo do Senhor

O Batismo do Senhor é celebrado no primeiro domingo após a Epifania e representa o início da missão de Jesus no mundo. Esse tempo é parte da manifestação de Jesus aos seres humanos, por isso, trata-se de uma continuidade da Epifania. Diferenciando-se pelo fato de que, na Epifania, é o ser humano (representado pelos magos) que vai a Cristo, ao passo que, com o Batismo do Senhor, é Deus (por meio de Jesus Cristo) que vem até o ser humano, a fim de cumprir Sua missão. Por isso, a espiritualidade desse dia é marcada pela missão iniciada por Jesus em prol dos menos favorecidos e injustiçados.

Com o Batismo do Senhor termina o Ciclo do Natal, dando-se início ao Tempo Comum ou Tempo após Epifania.

Símbolos para o Advento

Sugerimos os seguintes símbolos para ambientação litúrgica no período do Advento:

- *Coroa do Advento*: simbolizando a realeza de Cristo;
- *Velas*: simbolizando a chegada de Cristo como luz do mundo;
- *Luzes*: símbolo da luz que ilumina as trevas, o próprio Cristo.

Símbolos para o Natal

- *Anjos*: simbolizam aqueles que anunciam o nascimento de Jesus;
- *Crianças*: simbolizando a festa da chegada do menino Jesus;
- *Sinos*: simbolizando o anúncio festivo da chegada do Messias;
- *Presépio*: simbolizando o local do nascimento de Cristo.

Símbolos para a Epifania e Batismo do Senhor

- *Coroa dos Magos*: simbolizando a procura pelo Cristo prometido;
- *Estrela*: simboliza a luz que aparece no horizonte para a chegada de um novo tempo;
- *Mãos*: símbolo da força de Deus e Sua providência a toda a criação;
- *Presentes*: além do presente maior dado à humanidade, Cristo, simbolizam também os presentes dados pelos magos.

Cores

No **Advento**, usa-se o roxo, o lilás e o rosa. O roxo significa contrição, daí a matização das cores no sentido de ir clareando conforme a chegada do Natal. O rosa, geralmente, é usado no quarto domingo do Advento, que simboliza a alegria.

Para o **Natal**, utilizam-se as cores: branco e/ou amarelo, símbolos da divindade, da luz, da glória, da alegria e da vitória que o nascimento de Cristo representa para a humanidade.

Na **Epifania**, usa-se o branco por oito dias e, após, o amarelo até o domingo do **Batismo do Senhor**.

2 - TEMPO COMUM

Além dos dois ciclos festivos (Ciclo do Natal e Ciclo da Páscoa), o "Ano do Senhor" também contempla 33 ou 34 semanas, situadas entre o Natal e a Páscoa. Esse período recebeu a designação Tempo Comum por contrapor-se à época festiva do Ano Cristão.

O fato de haver um Tempo Comum ressalta o significado de que Deus não é Senhor somente das coisas extraordinárias, mas também o é do cotidiano. Enfatiza a presença constante e amorosa do Pai na caminhada do povo rumo à plenitude do Reino. A cada celebração, antecipamos a eterna liturgia do céu, para o qual nos preparamos, dia a dia, tanto no tempo festivo como no tempo comum.

Ao longo da história, várias iniciativas foram tomadas no sentido de oferecer alternativas à liturgia do tempo não-festivo. Para exemplificar com algumas das mais recentes e próximas, citamos a formalização, na década de 1930, nos Estados Unidos, de uma proposta que sugeria a criação de um novo período, o "Kingdomtide" (Ciclo ou Tempo do Reino). Essa proposta tem de positivo o fato de enfatizar menos o aspecto eclesiástico-institucional e mais o teológico-missionário do período. Entretanto, a postura mais amplamente adotada pelos protestantes do mundo todo foi a de designar as duas partes do Tempo Comum como sendo "Tempo após Epifania" e "Tempo após Pentecostes", respectivamente. Na Igreja Metodista no Brasil, o rev. Messias Valverde propôs uma organização do Ano Cristão dividido em Estações Litúrgicas, das quais destacamos a Estação da Criação, com uma preocupação ecológica e escatológica.

Para manter a sintonia com a maioria das Igrejas Cristãs ao redor do mundo, optamos, neste anuário, pela adoção do Calendário Ecumênico mundialmente utilizado tanto pela Igreja Metodista quanto pela maioria das Igrejas Protestantes.

Não obstante, tomamos O cuidado de levarmos em conta as

várias contribuições das propostas às quais nos referimos. Principalmente no que diz respeito ao desafio ecológico próprio da proposta brasileira da Estação da Criação – relacionado com a Justiça, a Paz e a Integridade da Criação – e a ênfase na centralidade do Reino de Deus, da proposta norte-americana da década de 1930.

TEMPO COMUM (1ª PARTE):

Anúncio do Reino (Após Epifania)

A primeira parte do Tempo Comum tem início na segunda-feira após a comemoração do Batismo do Senhor e vai até a véspera da Quarta-Feira de Cinzas, quando começa a Quaresma (Ciclo da Páscoa).

Sua espiritualidade enfatiza o *anúncio do Reino de Deus* e visa à esperança e à pregação da Palavra.

TEMPO COMUM (2ª PARTE):

Vivência do Reino (Após Pentecostes)

A segunda parte do Tempo Comum, que também é o período mais longo, começa na segunda-feira após Pentecostes e dura até a véspera do Primeiro Domingo do Advento, quando tem início o Ciclo do Natal.

Sua espiritualidade comemora o próprio ministério de Cristo em sua plenitude, principalmente aos domingos, e enfatiza a *vivência do Reino de Deus* e a compreensão de que os/as cristãos/as são o sinal desse Reino. Se na primeira parte do Tempo Comum a ênfase é o anúncio, na segunda é a concretização do Reino de Deus.

Símbolos para o Primeiro Tempo Comum

Sugerimos como material simbólico para a ambientação litúrgica do primeiro período do Tempo Comum:

- A Bíblia (sinalizando o anúncio da Palavra do Reino);
- Os cinco pães e os dois peixes (sinalizando os milagres de Jesus e a solidariedade cristã);
- Sementes / sementeira (sinalizando o anúncio do Reino).

Símbolos para o Segundo Tempo Comum

- Flores (sinalizando a Criação e a Nova Criação -consciência ecológica):
- Feixe de trigo (sinalizando a colheita e os frutos da terra):
- A pesca / rede com peixes (sinalizando a missão do Reino);
- A mesa (representando a fartura e a comunhão):
- O triângulo (representando o equilíbrio e a constância necessários ao cotidiano cristão);
- A coroa (sinalizando a consumação plena do Reino de Deus).

Cor: verde

Em ambos os períodos do Tempo Comum, usa-se o verde como cor litúrgica – sinalizando a Criação, a perseverança e a constância —, que pode ser combinado com o dourado (cor da realeza), indicando a combinação da Nova Criação com o Senhorio de Cristo (principalmente na celebração do último Domingo do Tempo Comum, chamado de Domingo de Cristo, Senhor do Universo).

3 - CICLO PASCAL

Origem

O ciclo pascal, composto por Quaresma, Semana Santa, Período da Páscoa e, encerrando, Pentecostes, formou-se a partir de um processo de reflexão e sistematização do cristianismo, que durou do primeiro ao quarto século da era Cristã. A partir desse ciclo se constituiu todo o calendário litúrgico.

Nas comunidades primitivas, era comum a reunião no primeiro dia de cada semana, quando se celebrava a memória de Jesus. A origem do culto cristão está em torno dessa "Páscoa Semanal", que ocorria no chamado "Dia do Senhor".

Em boa parte por influência do judaísmo cristão, desenvolveu-se uma celebração anual da Páscoa como um "grande dia do Senhor", cuja festa se prolongava por 50 dias, sendo o último o dia de chegada do Espírito, o Pentecostes Cristão: isso já no século II.

No século IV, desenvolveu-se a tradição de reviver e refletir de um modo mais sistematizado os momentos da paixão. Isso deu origem às celebrações da Semana Santa. Desde o século III, as vésperas da Páscoa já eram dias de reflexão. Os catecúmenos, que por dois anos eram preparados, eram, agora, acompanhados por toda a comunidade. Inspirando-se nos 40 dias de preparo de Jesus para Seu ministério, nasceu o período da quaresma. Assim, em torno da celebração da morte e ressurreição de Jesus, desenvolveu-se todo o Ciclo Pascal do Calendário Litúrgico Cristão, marcado pela penitência e confissão, mas também pela alegria e exultação do crucificado e ressuscitado.

a) QUARESMA

Da Quarta-feira de cinzas ao Domingo de Ramos, este período enfatiza a importância da contrição, do preparo e da conversão. Inicia-se no 40º dia antes da Páscoa, sem contar os domingos. O início, na Quarta-feira de cinzas, retorna à tradição bíblica do arrependimento com cinzas e vestes de saco (Jn 3.5-6). É um momento oportuno para refletir sobre a confissão e o valor do perdão de Deus.

Sua espiritualidade enfatiza momentos de preparo na história bíblica geral e da vida de Jesus:

- Quarenta dias de Jesus no deserto (Mt 4.2; Lc 4.1ss)
- Quarenta anos do povo no deserto (Ex 16.35)
- Elias em direção ao Horeb (1Rs 19.8)

Cores da Quaresma: roxo ou lilás

Essas cores enfatizam a preparação, a expectativa, a saudade, a contrição

e o arrependimento. Notemos que o roxo é a mistura de uma cor quente – o vermelho – e uma cor fria – o azul. Isso é representativo da tensão própria de um período como esse, quando é central a expectativa do "já" e do "ainda não" do Reino.

Símbolos da Quaresma

- Cinzas, referindo-se ao arrependimento;
- Ramos, lembrando a entrada triunfal;
- Coroa de espinhos e os cravos, rememorando o sofrimento de Cristo.

b) SEMANA SANTA

Inicia-se no domingo de Ramos. Celebração de Cristo como o Messias, salvador dos pobres, o rei dos humildes. Reflete, passo a passo, os últimos momentos até o ápice da paixão, passando pela instituição da Eucaristia, pelo lava-pés, pela traição, prisão e crucificação do Senhor. Este é o momento da vigília de preparo para a ressurreição.

Sua espiritualidade chama-nos a atenção para os momentos finais de Jesus, até o ápice de Sua paixão:

- A Santa Ceia (Mt 26.17-30);
- O Lava-pés (Jo 13.1-17);
- Jesus no Getsemani (Mt 26.36-46; Mc 14.26-31);
- O julgamento e a crucificação (Mt 27; Mc 15; Lc 23; Jo 19).

Símbolos da Semana Santa

A coroa e os cravos podem ser conservados; também temos o pelicano, que, na falta de alimento para seus filhotes, fere-se para alimentá-los com seu próprio sangue.

Cor: roxo

Particularmente na sexta-feira, usa-se preto. Essa cor denota a morte e o luto.

c) PÁSCOA

É a festa da ressurreição e da libertação. Um novo Êxodo ocorre e a humanidade passa do cativeiro da morte para a vida. Sua solenidade pode iniciar-se já na Quinta-feira (instituição da ceia). Contudo, a celebração da ressurreição começa com uma vigília na noite de sábado, encontrando sua plenitude no romper da aurora, quando Cristo é lembrado como o Sol da justiça, que traz a luz da nova vida na ressurreição.

A espiritualidade norteados aponta para a ressurreição nos mais variados relatos das comunidades do século 1 d.C.

- A ressurreição (Mt 28.1-20; Mc 16.1-8; Lc 24.1-12; Jo 20.1-18; At 1.14);
- Cânticos Pascais (Sl 113 ao 118 e Êx 12).

Símbolos da Páscoa

Cruz vazia, túmulo vazio, borboleta (sinal de transformação).

Cores da Páscoa: branco ou amarelo-ouro

Simbolizam a luz, a glória, a alegria, a vitória e a divindade.

d) PENTECOSTES

Entre os hebreus, era comum a celebração da chamada "festa das semanas"; isso porque ela se dava sete semanas após a Páscoa. Nela, o povo dava graças ao Senhor pela colheita. Mais tarde, adquiriu mais uma dimensão celebrativa, a da proclamação da Lei (instrução) no Sinai, 50 dias após a libertação do Egito.

Na era cristã, o Pentecostes tornou-se o último dia do ciclo pascal, quando se celebra a chegada do Espírito Santo como Aquele que atualiza a presença do ressuscitado entre nós, dando força para que as comunidades sejam testemunhas de Jesus na história. A espiritualidade que nos orienta nesse período fala da presença consoladora do Espírito, que semeia nos corações a

esperança do Reino de Deus e nos impulsiona para a missão.

Textos Bíblicos que devem nos chamar atenção:

- Festa das semanas (Êx 34.22; Lv 23.15);
- Jesus promete o Consolador (Jo 16.7);
- Jesus ressuscitado sopra Seu Espírito (Jo 20.22);
- A chegada do Espírito Santo no dia de Pentecostes (At 2).

Símbolos do Pentecostes

Pomba, fogo, vento, água (sinais da presença do Espírito Santo).

Cor do Pentecostes: vermelho

Essa cor simboliza o fogo e o sangue dos mártires, é a cor das celebrações do Espírito Santo e da Igreja: Pentecostes.

INDICAÇÕES DE LEITURAS

ANUÁRIO LITÚRGICO 2006. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006.

LIMA, Marcos Rodrigues. *O Ministério de Música na Igreja Local*. Belo Horizonte: Instituto Teológico João Ramos Jr., 2005.

MOSAICO APOIO PASTORAL: Culto hoje, v. 12, n. 31, junho-agosto 2004. São Bernardo do Campo: Editeo, 2004.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

O SIGNIFICADO DA "COROA DO ADVENTO"

A Coroa do Advento é um dos símbolos do Natal.

Na sequência do acender das velas podemos observar o desenrolar dos acontecimentos que precederam o nascimento de Jesus. Ele é luz, é esperança, é humildade, é paz, é Deus conosco. Que neste Natal saibamos redescobrir a profundidade do significado de ter Jesus Cristo, Deus-Conosco (Emanuel).

O Advento é celebrado nos 4 domingos que antecedem ao Natal. Para cada domingo há uma ênfase especial a ser celebrada na espera do Messias, na espera pelo Natal.

SIGNIFICADO DA 1ª VELA - "O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz" (Isaías 9:2)

Nesta primeira vela do advento podemos encontrar esperança na luz brilhante acerca da qual os profetas falaram.

A primeira vela que acendemos é uma recordação da esperança que os profetas possuíam em sua expectativa por um Messias. Este tão aguardado Messias deveria trazer paz ao mundo. Nós precisamos daquela paz e daquela luz pela qual os profetas esperaram, para que ilumine toda a escuridão que temos de suportar. Mesmo nos momentos mais escuros de nossa vida temos a certeza de que Deus é real e que Ele tem um plano para suas criaturas. As trevas que cada um de nós experimenta pode ser diferente, mas o Messias veio e ainda vem a cada um de nós, e pode iluminar as nossas vidas, qualquer que seja a nossa escuridão.

SIGINIFICADO DA 2ª VELA - "Enquanto lá estavam, completaram-se os dias para o parto e ela deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o na manjedoura, porque não havia lugar na hospedaria para eles" (Lucas 2:6-7).

Ainda contagiados pela esperança dos profetas, olhamos agora para o presépio como símbolo de calor.

O estalajadeiro (dono da estalagem) não conhecia o casal a quem ele não podia dar um lugar na hospedaria. Não havia lugar. Mas compadecido, ofereceu o único cantinho disponível: o estábulo. Pelo menos este presépio serviu de abrigo naquela noite úmida. O presépio é o símbolo de um estalajadeiro que estava pronto a repartir o que possuía. É também o símbolo da humildade de Jesus, nascido lá.

Há momentos na vida que parece que não encontraremos um abrigo. Será que aceitaríamos ao menos um estábulo? Poderíamos permanecer humildes como José e Maria? Seríamos capazes de oferecer abrigo a um estranho que estivesse cansado, caso surgisse uma oportunidade?

SIGINIFICADO DA 3ª VELA - "E os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido, conforme fora dito" (Lucas 2:20).

Acendemos as velas anteriores relembando as esperanças dos profetas e o calor do presépio. A terceira vela que agora estamos acendendo relembra a alegria dos pastores.

Os pastores viram uma grande luz e foram avisados do nascimento tão esperado do Messias. Imaginem o contentamento, o espanto e a alegria que tomaram conta deles ao verem a criança na manjedoura. O Messias chegara como resposta às profecias e às orações. Os pastores se regozijaram e cantaram louvores, glorificando o Messias, que viera para trazer paz ao mundo. Cristo vem numa resposta às nossas esperanças. Agora somos nós que devemos responder com alegria.

A história dos pastores é luz que traz alegria, bem no meio da nossa escuridão. Exultemos todos: o Redentor vem!

SIGINIFICADO DA 4ª VELA - "Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do Rei Herodes, eis que vieram magos do oriente a Jerusalém, perguntando: 'Onde está o Rei dos Judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo" (Mateus 2:2-3).

A vela que agora acendemos é o símbolo da estrela. A estrela que conduziu os magos. Relembramos também a esperança dos profetas, o calor do presépio e a alegria dos pastores.

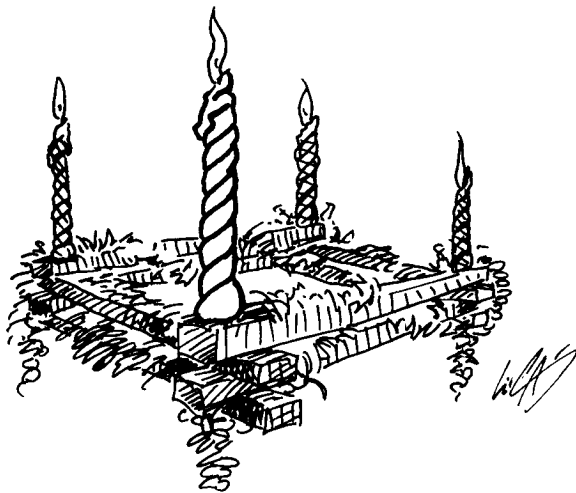
Já é véspera de Natal. Os magos seguiram a estrela à procura de um Rei. Semelhantemente estamos fazendo uma jornada e seguindo a estrela de Cristo. Esta estrela ilumina nossa escuridão, dá-nos calor e nos proporciona celebrar a vida.

Nessa época do ano nos aproximamos bem mais do verdadeiro sentido de vida e do Natal na medida em que vamos chegando ao final da jornada. Nossa vida é uma busca contínua do Cristo, do Rei e da Vida Abundante que Ele nos oferece. Vamos seguir a estrela que nos conduzirá até Ele? Vamos verificar a maneira com que temos procurado iluminar nossas vidas com essa luz?

SIGINIFICADO DA VELA BRANCA - As quatro outras velas são de cor vermelha. Vermelho é uma cor quente, forte, marcante.

A vela branca é a vela do Natal. Branca porque lembra a pureza de Cristo. É a vela maior da coroa do advento (maior que as outras quatro, que por sua vez são do mesmo tamanho).

Leitura Bíblica - Lucas 2:8-14.



"...E DAS SUAS RAÍZES BROTARÁ UM RENOVO" (Isaías 11:1-10)

(Culto de encerramento do
XXV Concílio Regional, dezembro de 1984)

.Prelúdio

.Cântico: "Canto do Povo reunido"

.1ª Vela do Advento - Caminhos & Esperas

-Leitura Bíblica - Isaías 43:19-21

-Leitor I - A necessidade de luz para caminhar.

As barreiras e obstáculos e o desânimo e
desesperança que são tão comuns...

Importa redescobrir as forças para caminhar.

O anúncio da vinda do Messias e seu Reino é
que revigora e restaura as forças.

Importa ser solidários na caminhada.

-Cântico: Nº 8, Hinário Evangélico

.2ª Vela do Advento - Sinais da Justiça

-Leitura Bíblica - Isaías 9:6-7

-Leitor II - Os sinais surgem onde menos se espera.

Junto aqueles que permanecem à margem das
decisões e do poder. Testemunhos dos que

sofrem e lutam por mudanças é, também, luz
para o nosso caminho.

-Cântico: "Momento Novo"

.3ª Vela do Advento - Amizade Sincera

-Leitura Bíblica - Miquéias 4:3-5

-Leitor III - Quando há disposição para a unidade supera

as diferenças e diversidades... é mais uma
luz para a caminhada. Deus não faz acepção

de pessoas e também envolve em seu Plano
de Salvação e Redenção aqueles que muitas

vezes discriminamos. Superar as barreiras e
preconceitos é fundamental.

-Cântico: "No Espírito Unidos"

.4ª Vela do Advento - Alegria da Vida Interior

-Leitura Bíblica - Isaías 35:1-4 e 10

-Leitor IV - Alegria é luz para o caminho. Mesmo em meio a crises. Alegria que tem um sentido: Deus age e virá estabelecer definitivamente o seu Reino. Essa alegria, então, será completa e eterna!

-Cântico: "Antiga História" (do LP PROMUSA)

.Reflexão - Leitura Bíblica: Isaías 11:1-10

.Vela do Natal - Emanuel: Deus está conosco!

-Leitura final - Quando Jesus, segundo o relato dos Evangelhos, vai até junto à família de Lázaro, morto há 4 dias, Marta lhe diz: "Se estivesse aqui certamente meu irmão não teria morrido". Natal é essa esperança: a Vida que vence morte, e todas as suas forças. Natal é Deus que, por amor imenso, rompe preconceitos, e abrindo caminho chega até nós, trazendo-nos a alegria plena, a Novidade do Evangelho de Jesus, Palavra Viva. Encarnada.

.Cântico: Nº 7, Hinário Evangélico

.Benção do Natal

.Momentos de saudações e confraternização

.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o.o

OBSERVAÇÃO:

Esse programa pode ser mudado.


O ideal é que a gente conseguisse celebrar cada vela/enfoque do Advento em cada um dos 4 domingos de dezembro. E a Vela de Natal no dia 25 de dezembro.

No entanto, esse programa pode ser adaptado, por exemplo, para o dia de Natal. Basta acrescentar a participação do Coro, a leitura de uma poesia ou jogral, uma encenação pelas crianças ou juvenis, etc...

Bom Natal, irmãos e irmãs!

Por Falar em Natal...

Nancy Cardoso Pereira



"Assim, do corpo de
uma mulher se alimenta
o Deus-menino... Deus com
fome." Rubem Alves